

O DIA DO AVADOR
ORGÃO «SANTA MARIA»



ALOISIVS GONZAGA MARCHITTO

ANO 8

ABRIL 87

NUMERO 88

Escrevem os Leitores

"...Com muito prazer recebo esse jornal há tempo. Peço a gentileza de vocês enviarem assinaturas desse jornal para pessoas da comunidade..."

ROSALINA MARQUES DOS SANTOS
SÃO PAULO - SP

"...Obrigado por me concederem esta alegria. Se todos tivessem a oportunidade como eu de receberem esse jornalzinho garanto que muitas vidas iriam mudar para melhor...Que Nosso Senhor Jesus Cristo abra a cada dia os seus caminhos, para que vocês consigam cada dia seguirem em frente com essa obra maravilhosa..." "O Desbravador" está fazendo muitos corações mudarem."

FÁTIMA REGINA C. BORBA
CAMPOS - RJ

"...Alguns tempos atrás li vários números de "O Desbravador" e gostei muito pois esse jornal nos dá muito a lento na Fé Cristã..."

PEDRO GOMES
BOTUCATU - SP

"...Desejo receber 10 exemplares da revista "A Peregrina da Dor", edição especial - fevereiro de 1984, nº 50..."

NÉSIA CORREA
BELO HORIZONTE - MG



"...Desde o primeiro dia em que eu li "O Desbravador", eu gostei muito..."

EDILZA DE OLIVEIRA FREITAS
CAMPOS - RJ

"...Gostaria imensamente de receber mensalmente "O Desbravador" ...Deus ilumine o caminho de vocês..."

ANTONIO ZUCCO
GUARULHOS - SP

"...Há muito tempo, recebo em minha casa este maravilhoso jornal. Sã tenho a elogiar e pedir à Imaculada Mãe e nossa Mãe que continue lhes dando a graça de continuar orientando milhões de pessoas e incentivando-as a seguir os caminhos da Fé..."

ROSA MARIA MAGALHÃES
PÁDUA - RJ



O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"

DIRETOR:

MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTES DE DIREÇÃO

ANSELMO LÁZARO BRANCO
VALMIR DE CASTRO

SUPERVISÃO

SELMA AP. L. B. DE MATOS
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS

COMPOSIÇÃO

ESTUDIO "FRA ANGÉLICO"

REDAÇÃO

JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
SÉRGIO BORGES F. MOLINARI
SÁVIO FERNANDEZ BEZERRA
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
MARIA DO CARMO M. RUFINO

SECRETARIA

SHEFFERSON SANDER FERREIRA
LAURINDO GONÇALVES
GERALDO JOSÉ DE MATOS
VICENTE WALTIER S. MACHADO

EXPEDIÇÃO

EDSON RODRIGUES DOS SANTOS
ROMILSON CHAVES SILVA
ROBERTO MANGINI
WALADYER NERI S. MACHADO
LUIS AKIO YASUTAKE
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
EDVAN RODRIGUES DOS SANTOS

CORRESPONDÊNCIA

CAIXA POSTAL 6416
01000 SÃO PAULO - SP

EDITORIAL

A nosso capa deste mês traz uma pintura do Padroeiro da juventude, São Luiz Gonzaga. Ao olharmos para ele, vemos uma alma repleta de alegria, cheia de ardor, transbordante de contentamento pelo fato de viver na graça e na amizade com Deus.

Conta-se que, certa feita, ele estava brincando, correndo alegremente, e alguém lhe perguntou o que ele faria se um anjo lhe anunciasse que ele iria morrer em quinze minutos. Sua resposta foi de uma serenidade de pasmar: "eu continuaria brincando", disse ele. Sim, nada de tormentos, nada de desespero, mas tranquilidade e paz interior, que somente existe para quem está longe do pecado, e próximo de Deus. Por viver na graça de Deus, ele não temia a morte.

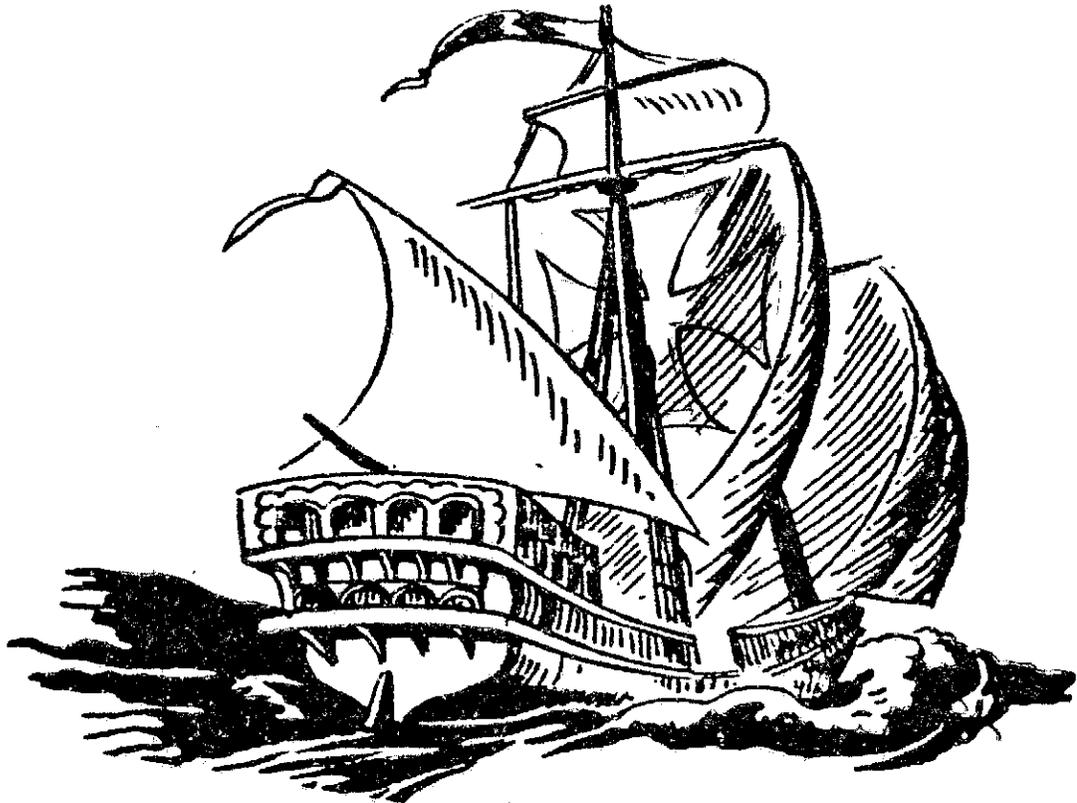
Contamos essa passagem da vida de São Luiz Gonzaga, porque gostaríamos que todos os nossos leitores também desfrutassem da sublime alegria da amizade de Deus. Gostaríamos que não houvesse um só leitor nosso que vivesse em pecado mortal, gostaríamos que não houvesse

ninguém no mundo que tivesse a desgraça de viver separado da Graça Divina.

Busca-se tanto, hoje em dia, uma forma de se alcançar uma vida serena, e entretanto busca-se erradamente, pois somente há paz para os homens que estão longe do pecado, somente há serenidade para quem é amigo de Deus, somente pode ser alcançada a felicidade possível nessa vida terrena quando se cumpre a Vontade de Deus.

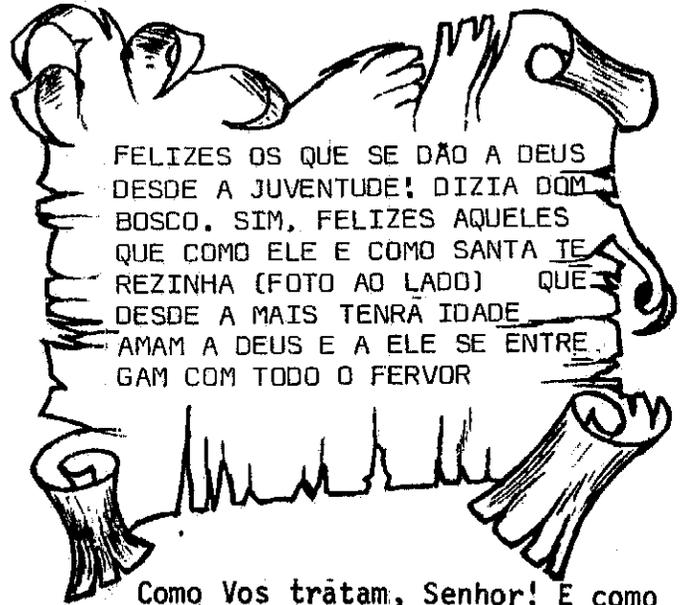
Justamente porque os homens se afastaram dos Ensinamentos Divinos é que o mundo está tão ruim. E, somente poderá haver um mundo melhor, onde Deus for obedecido como Senhor. Santo Afonso Maria de Ligório dizia que nada há de tão belo nesse mundo como uma alma em estado de Graça. E, como seria mais belo o mundo se houvesse mais gente vivendo na Graça de Deus, e portanto o pecado fosse escorraçado das almas.

Peçamos à Santíssima Virgem Maria que é o Canal de todas as Graças que nos alcance de Seu Divino Filho a Graça de um mundo repleto de almas puras que façam deste mundo, um mundo Cristão.



"BEM AVENTURADO AQUELE CUJA INIQUIDADE FOI PERDOADA, E CUJOS PECADOS SÃO APAGADOS" 3
(Sl 31, 1)

TARDE VOS AMAMOS



FELIZES OS QUE SE DÃO A DEUS DESDE A JUVENTUDE! DIZIA DOM BOSCO. SIM, FELIZES AQUELES QUE COMO ELE E COMO SANTA TE REZINHA (FOTO AO LADO) QUE DESDE A MAIS TENRA IDADE AMAM A DEUS E A ELE SE ENTREGAM COM TODO O FERVOR

Como Vos tratam, Senhor! E como nos amais: quereis o nosso bem, quereis que um dia estejamos gozando de Vossa felicidade no Céu, quereis que tenhamos nessa vida a única possível felicidade, quereis que tenhamos a Vossa Paz; não a paz do mundo, mas a Paz que reservais a quem Vos ama e Vos serve. Fora de Vós não há sossego, fora de Vós não há serenidade, fora de Vós, tudo são trevas, fora de Vós não há paz. Vós sois, ó Deus o Único Verdadeiro Bem, sois o Príncipe da Paz.

§ § § § §

Senhor, eu mesmo quantas vezes vos odiei pelo pecado, Senhor, eu demorei a Vos amar, eu poderia dizer como Santo Agostinho: "Tarde Te amei, Beleza tão antiga e sempre nova".

Mas se hoje posso ser vosso, Senhor, vosso quero ser, por Vós quero trabalhar e lutar, vosso quero ser na vida, vosso quero ser na morte e por Vós morrer, se me derdes essa graça.

§ § § § §

Loucura seria querer disso fugir. Não permitais que de novo Vos traia pelo pecado, pela frieza e pela indiferença. Amo-Vos, Senhor e só Vosso quero ser.

Aliás, Senhor "fizeste-nos para Vós e nosso coração estará inquieto, enquanto em Vós não repousar".

Maria Santíssima, Mãe do Belo Amor, ensina! meu coração inquieto a repousar no Coração Amabilíssimo de Jesus. DEle não quero mais me separar.

Quando pensamos nos benefícios de Deus para conosco, ficamos abismados. Realmente, Ele nos amou na criação, deu-nos a vida e não bastasse isso, depois da queda do homem, redimiu-nos morrendo por nós na Cruz, resgatando-nos com Seu Preciosíssimo Sangue.

Maravilhosamente nos criou e mais maravilhosamente nos remiu, diz a Santa Igreja no ofertório da Santa Missa.

A tal ponto chegou o Seu Amor Imenso que nos entregou Sua Mãe para ser nossa Mãe.

Diante desse amor, eu começo a pensar como a humanidade retribui as inefáveis bênçãos e graças celestiais: o que vejo é lastimável e digno de choro, pois são raríssimos os que aproveitam bem os dons que Deus lhes dá. A maioria, abusando da liberdade que tem, entrega-se às mais variadas formas de vida ruim, trocando Este Deus Tão Bom por tantos nada.

Sim, trocam-no pelo dinheiro, pelos prazeres, pelas honras, pelas amizades, pelo "que vão dizer", por um "príncipe encantado", por um rosto gracioso, por um nada enfim.

"QUEM DEMORA EM SE DAR A DEUS CORRE GRANDE PERIGO DE PERDER A ALMA"
(São João Bosco)



O telefone interno tilintou na mesa do Padre Reitor do Colégio de Belém, em Havana: "Alô... Sim, ele mesmo. Dona Carmen?"... Está bem, desço já".

Sua Reverência depôs o fone e ficou largo tempo com a mão no aparelho, enquanto uma ruga preocupada lhe vincava a fronte. Depois, levantou-se rápido dizendo, a meia voz para si mesmo: "Vamos enfrentar a 'leoa' e ainda acrescentou sorrindo: "Por Dios y por San Tiago!"

Dona Carmen era uma das mulheres mais ricas de Havana. O marido deixara-lhe um verdadeiro império de açúcar. O bellissimo colégio Jesuíta de Belém estava cheio de donativos seus. Quase não havia corredor ou quarto, onde não se visse alguma lembrança de Dona Maria del Carmen Gomez Rodriguez de Anzoátegui. Cada visita sua ao Colégio era uma nova surpresa. E, com o dinheiro, vinham também belas palavras: "Se Deus nos deu dinheiro, é para ajudar a quem não sabe usá-lo para a glória do mesmo Deus e de sua Igreja. Para mim, os jesuítas são os que melhor o conseguem".

Isto dizia naqueles tempos, em que seu filho Pablito cursava o primeiro ano no colégio. No fundo, ela fazia os donativos, porque seu orgulho de melhor millionária queria ver o filho no colégio mais rico de Cuba. Sem o perceber, era ao próprio filho que dava aquelas avultadas esmolas. Dizia-se, em Havana, que ela se "casara" com o Colégio.

Mas, a lua de mel acabou

Mas, um dia, a lua de mel acabou e Dona Carmen, já viúva do marido, divorciou-se também do colégio e nem todo o açúcar que saía de seus engenhos foi capaz de lhe adoçar de novo a alma amargada. Tudo aconteceu na tarde em que Pablito, seu filho único de doze anos, ao voltar do colégio, comunicou-lhe que desejava

ser Padre. A mãe quase desmaiou. Aquela mulher que dava milhares de dólares aos homens, não era capaz de emprestar o filho a Deus. Seguiram-se dias difíceis para os padres do colégio de Belém. Dona Carmen acusava-os de ter "pósto vocação" na cabeça da criança, e intimava-os a que o fizessem desistir da idéia. Eram inúteis todos os esforços do Pe. Reitor para fazê-la compreender que nada haviam sugerido ao seu filho e que ele nem mesmo pertencia ao grupo escolhido dos coroinhas, entre os quais é mais comum surgirem as vocações para o sacerdócio. Acabaram-se os donativos. Começou o purgatório dos Padres, de Pablito e da própria Dona Carmen. Finalmente, certa manhã, entrou ela no seu Cadillac azul e mandou o motorista tocar para o colégio.

O P. Reitor entrou no locutório da Portaria ensaiando o melhor dos seus sorrisos. Dona Carmen levantou-se nervosa e cumprimentou o sacerdote sumariamente, com a ponta das unhas longas, pintadas de pérola:

"Vou falar de pé, Padre Reitor, porque desejo ser breve... Vim apenas para dizer-lhes que meu filho já está com viagem marcada para a França, onde cursará um colégio internacional em Paris".

"A senhora é mãe, deve saber o que faz. Dona Carmen, ou, pelo menos, deveria saber... Pablito é ainda criança; talvez não tenha ainda vocação para o sacerdócio... A vocação é uma coisa muito séria e só uma idade mais madura é capaz de pesar-lhe as responsabilidades, e discernir-lhe toda a beleza. Mas, pode ser também que Deus já o esteja chamando assim criança, como chamou o menino Samuel para ser seu Profeta... Neste caso a senhora estaria opondo-se aos planos de Deus..."

"Claro que não!" estalou a resposta. "Nós mães conhecemos nossos filhos, melhor do qualquer padre. Eu sei muito bem quais são minhas res-

ponsabilidades diante de Deus e dos homens, Padre Reitor. Não vim aqui para receber lições de catecismo. Estou disposta a não perder meu filho, compreende?"

"Não compreendo, Dona Carmen. Não compreendo, porque o pressuposto é falso: o filho padre nunca é um filho perdido. Pelo contrário, o filho padre é o que menos se perde; primeiro porque tem a salvação eterna mais garantida, e segundo, porque é o que tem mais espaço no coração para o amor de seus pais. O filho casado, por ter o coração mais dividido, está, às vezes, mais longe de sua mãe do que o filho sacerdote".

"Mas não vê, Padre, que tenho apenas este filho? Não, não deixo. Se, mais tarde, ele persistir, quando tiver mais idade, serei eu mesma que o levará ao seminário; agora não! Se no menos, os padres não estivessem tão à margem da vida".

"Nós não estamos à margem da vida, Dona Carmen. O padre está no

coração mesmo do mundo, uma vez que o centro do universo e de toda a vida é Deus e a religião. Nós nos afastamos do mundo não como quem foge ou despreza os valores humanos; nós nos afastamos assim como as árvores frutíferas se distanciam do solo; apenas para poderem, mais tarde, verger sobre ele os raios pesados de frutos e cheiros de sombras."

"Não venha com poesia, Padre. Se não me ofereceu argumentos convincentes, até agora, não me ofereça palavras bonitas. O assunto é sério demais para literatura."

"É também sério demais para resoluções apressadas, Dona Carmen. A Senhora sabe a que expõe seu filho, mandando-o para o colégio leigo, no estrangeiro, onde não haverá, certamente, nenhuma assistência religiosa".

"Já pensei em tudo isto, Padre, não se preocupe! Tenho parentes em Paris que zelarão pela vida religiosa de Pablito. Além disso irei com frequência à Europa."

E aqui se encerrou o assunto. Falaram depois, de documentos, guias de transferência, etc. Para isto, veio a portaria o Padre Prefeito Geral e o Reitor retirou-se, deixando Dona Carmen de pé sobre um riquíssimo tapete que ela mesma doara ao colégio. Como o Reitor preferia que ela retirasse todos os seus donativos e lhes deixasse o filho



O Sacerdócio: a mais sublime e a maior das missões a que um homem pode ser chamado por Deus. Entretanto há pais, como a mãe do presente caso que não querem doar seus filhos a Deus

Pablito esquece a linguagem de Deus

Duas semanas mais tarde, o menino embarcava em pranto para a França. Dona Carmen quase passou a viver entre Paris e Havana, o que pouco significava para sua vasta fortuna. Quando voltava da Europa, vinha cheia de elogios aos ouvidos dos padres: que estava falando corretamente francês e o inglês; era o primeiro da aula, etc... Entretanto, o nome de Pablito ia, aos poucos, transformando-se em mera recordação no colégio de Belém. Passado o primeiro ano de ausência total, Dona Carmen começou novamente a mandar esmolas no colégio, ainda que não tão vultosas como antes. O Reitor não se iludia a respeito de tais presentes:

eram a linguagem disfarçada com que a milionária manifestava o remorso que já lhe atormentava o coração de mãe, eram uma tentativa de captar, com dinheiro de esmolas, a benevolência dos padres e, mais ainda, a de Deus. Negara um filho ao Criador; oferecia-lhe agora dinheiro para suas Igrejas. Como a mãe que dá uma bola ao filho de cujas mãos tirou o brinquedo preferido.

Afinal, terminada a sua formação colegial e universitária, Pablito voltou definitivamente a Cuba. Voltou engenheiro, poliglota, cheio de cursos e de idéias socialistas. Dona Carmen não parava de falar do filho nos grandes círculos sociais de Havana. Parecia que o dom das línguas do rapaz se comunicara também à mãe. Mas esquecia-se de dizer que, apesar de todas as línguas que seu filho conhecia para falar com os homens, ele não tinha nenhuma para falar com Deus. Já não rezava nem sequer na própria língua. Em matéria de religião, Pablito ficara totalmente mudol. Dona Carmen pensou que isso pudesse acontecer. Percebia também, aos poucos, que o filho enveredava por caminhos e idéias que o separavam cada vez mais dela e do lar. E, no entanto, desviara-o do altar para não perdê-lo!

O primeiro susto de Dona Carmen

Um dia veio o primeiro susto sério. Pablito fôra preso ao tomar parte num movimento contra o ditador Fulgêncio Batista. Só mesmo o nome da família e o dinheiro da mãe o salvaram do fuzilamento. Dona Carmen suplicou-lhe, depois de solto, que não se metesse em política, pelo amor de Deus! Mas qual a luta contra Batista empolgou Pablito. Até as moças passaram a segundo plano.

Foi nesta altura que apareceu em cena Fidel Castro. Certo dia, Dona Carmen leu, com mão trêmula, o bilhete que o filho lhe mandou depois de uma semana de ausência:

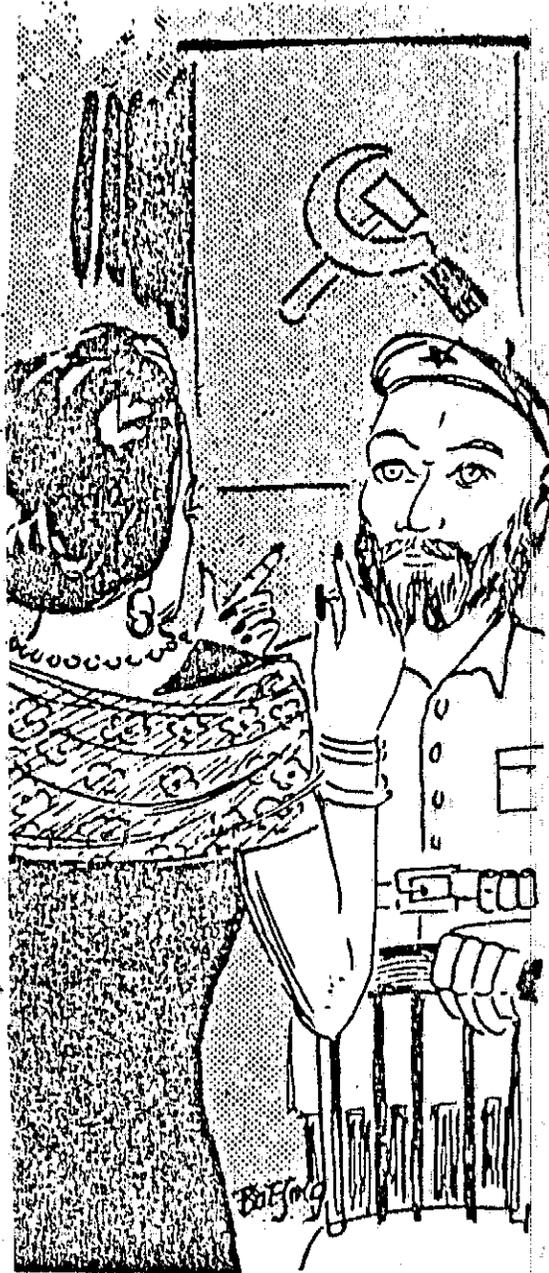
"Não se aflija, minha mãe... Estou em Sierra Maestra com Fidel Castro. Somos os heróis que vamos libertar a Pátria. Envio-te um milhão de beijos para reparti-los com Pepita. Teu filho, Pablito"

Pepita era uma de suas namoradas. Dona Carmen não repartiu beijo algum. Nem mesmo apreciou os que se destinavam a si própria. Chorou dias seguidos o filho que, outrora, não quisera perder. Amiudou suas visitas ao colégio de Belém, pedindo aos padres que rezassem por Pablito. Aumentaram as esmolas e os presentes.

Quando, um ano mais tarde, viu novamente o filho, estava sujo e barbudo, mas era um herói! Expulso Batista, ele era um dos "libertadores" da Pátria. Dona Carmen custou um pou-

co conformar-se, mas acabou fazendo as pazes com a barba de Pablito. Afinal, era a barba de um "herói", uma barba quase sagrada. Se tivesse sido padre, pensava ela, estaria hoje nalgum canto de paróquia, ouvindo confissões de beatas. Secaram-se as lágrimas de temor e apreensão. Pensando bem até ficava mais bonito, assim envolto na rudeza daquele uniforme cáqui. Ficava mais homem. Mandou dizer muitas missas de ação de graças no Colégio de Belém. O filho soube disso e repreendeu-a:

"Não agradeça a Deus, mamãe, agradeça a Fidel Castro."



«A senhora não compreende nada disto, porque tem mentalidade capitalista e burguesa. Por que não vai para os Estados Unidos?...»

"MEUS AMIGOS SERÃO JESUS E MARIA"
(São Domingos São João)

A frase quase fulminou-a. Pablito perdera a fé nas universidades da Europa e, sobretudo, nos antros de Montmartre e de Pigalle.

Como um vento de tempestade que se vai intensificando em rajadas céleres, os acontecimentos precipitaram-se em Cuba. A revolução libertadora transformou-se em revolução comunista e Cuba tornou-se um reino de terror e de perseguição: a pátria do "paredón"... O primeiro golpe que atingiu Dona Carmen, feriu-a num dos pontos mais sensíveis: seus engenhos de açúcar foram encampados, tornaram-se "propriedade do povo". Voltou-se então para o filho, certa de que ele haveria de reagir e tomar providências contra uma tal medida. Pablito ouviu-a impassível e, quando ela acabou seu desabafo, acercou-se, pôs-lhe as duas mãos nos ombros e disse com o pouco carinho que ainda lhe restava:

"A senhora não pode compreender nada disso, porque tem mentalidade

capitalista e burguesa. Não é culpa sua... Por que não vai para os Estados Unidos? A senhora não tem tanto dinheiro nos bancos lanques? Vá para lá. Não é vergonha que fuja uma mulher, ainda que, se fôsse verdadeira patriota, daria todo o seu dinheiro para a reconstrução de Cuba... Esta é uma encruzilhada inevitável: nossos caminhos separam-se aqui..."



Quase lhe deu uma bofetada

Consumara-se o ciclo dos acontecimentos. Deus perdera um sacerdote, depois um cristão. Agora ela perdia seu filho. Não era patriota, não ia dar seu dinheiro para reconstrução de Cuba nenhuma e não ia ficar em Havana ao lado de um filho que traía sua própria mãe. Teve ímpeto de dar-lhe uma bofetada, mas o choque a deixara tão perplexa que quase a anestesiou...

Dona Carmen ajuntou seus pertences e fugiu amargurada e revoltada para Miami. Uns dois meses depois de aí chegara, ouviu dizer que os jesuítas tinham sido expulsos de Cuba e que o ex-Reitor do Colégio de Belém iria fazer uma conferência no centro católico cubano, que funcionava ao lado da igreja dos jesuítas americanos de Miami. Dona Carmen foi à conferência sem saber que ia assistir ao ato final da sua própria tragédia.

Depois de relatar os últimos acontecimentos da revolução cubana, o an-

tigo reitor de Pablito assim resumiu a história da expulsão dos jesuítas e fechamento do colégio:

"Num discurso furiosamente anticlerical, Fidel Castro, que fora um dia aluno do nosso colégio, referiu-se nestes termos à Companhia de Jesus: "Eu conheço este monstro, porque passei cinco anos dentro de suas entranhas"! Então uma voz se levantou do meio do povo: "Eu também!

Fora com os jesuítas!" Fidel Castro perguntou quem fora a pessoa que assim falara. Adiantou-se um moço, um dos seus barbudos de Sierra Maestra. Castro fê-lo aproximar-se; abraçou-o, confraternizando-se com ele no ódio aos seus antigos mestres. Disse-lhe qualquer coisa que só o moço ouviu e gostou. Ambos sorriram e apertaram-se as mãos.

No dia seguinte, às oito horas da manhã, um grupo de milicianos armados entrava pelos corredores do colégio. Reuniram todos os padres na sala principal da portaria. Com palavras grosseiras, tão comuns a Fidel e aos seus sequazes, aquele mesmo moço da véspera intimou-nos a deixar o colégio e o país dentro de três dias. Eram ordens de Fidel, dizia, e ele se orgulhava de ter sido escolhido para executá-las!

Este moço, ao dar-nos aquelas ordens, estava de pé sobre um magnífico tapete oriental com que sua própria mãe ornara a nossa sala de visitas. Quinze anos antes, de pé sobre este mesmo tapete, sua mão me havia comunicado a intenção de retirar o filho do colégio a fim de impedi-lo de tornar-se padre..."

No silêncio profundo do salão, todos ouviram o baque de um corpo... Houve a correria própria de tais situações. Não fora nada de grave: apenas uma pobre mulher que desmaiara. Alguém saiu a procura de água. Uma senhora, não tendo outra coisa, chegou ao nariz da desmaiada um vidrinho de água de colônia que trazia na própria bolsa.

Quando o Padre conferencista, abrindo caminho por entre as pessoas, conseguiu chegar até ela, Dona Carmen já tinha voltado a si.

"Se eu soubesse que a senhora estava presente, disse o sacerdote, não teria contado esta história. Perdoo-me".

"Fêz bem em contá-la, Padre, e não me peça perdão, porque sou eu quem deve ser perdoada por Deus e pelos jesuítas".

"Não falemos mais nisso, Dona Carmen. Vamos carregar juntos esta cruz que é pesada para todos nós."



NÃO TEMAMOS! LUTEMOS!

Muitas pessoas às vezes indagam se, diante da terrível situação por que passa o mundo e a Igreja, não perecerá a Fé na face da Terra, ou se a imoralidade não tomará conta do mundo, ou até se a própria Igreja não será destruída.

Por uma lógica normal dos acontecimentos isso seria uma consequência que parece natural.

Mas, a lógica da história meramente humana, não se aplica às coisas da Santa Igreja. Vinte séculos de história estão aí para demonstrá-lo. Toda história da Igreja é uma cabal demonstração da realização das promessas de Nosso Senhor que disse que as portas do inferno não haveriam de prevalecer sobre a Igreja.

Nos momentos de maior perigo, nas horas de maior dificuldade, quando tudo parecia ruir, Deus sempre interveio e fez a situação mudar e alterar aquilo que parecia ser o final inevitável.

Ora era um acontecimento imprevisível, ora o aparecimento de um santo com uma missão providencial, ora uma série de milagres e as coisas acabavam mudando e a Igreja triunfava de maneira visível.

Poderíamos aqui citar uma infinidade de acontecimentos, para demonstrar o que afirmamos. Citaremos apenas alguns acontecimentos históricos que provam o que dissemos.

Primeiramente vamos nos referir aos trezentos anos de terríveis perseguições por que passou a Igreja nascente no Império Romano. Foram milhões de mártires em dez perseguições, foram os tormentos mais terríveis aplicados aos cristãos, tais como fogo, feras, ganchos, etc. Mas como dizia Tertuliano, o sangue dos mártires era semente de novos cristãos. E depois de tão longas perseguições, a Igreja triunfaria e o paganismo seria destruído. No final do Império Romano o Cristianismo era a Religião oficial do Imperio.

Voemos no tempo e pensemos um momento na época da pseudo reforma protestante. Boa parte do clero e dos religiosos aderiu ao brado de revolta do traídor Lutero. Nações inteiras apostatavam da Verdadeira Fé. Um dos poucos reis que apoiavam inicialmente o Papa, foi o

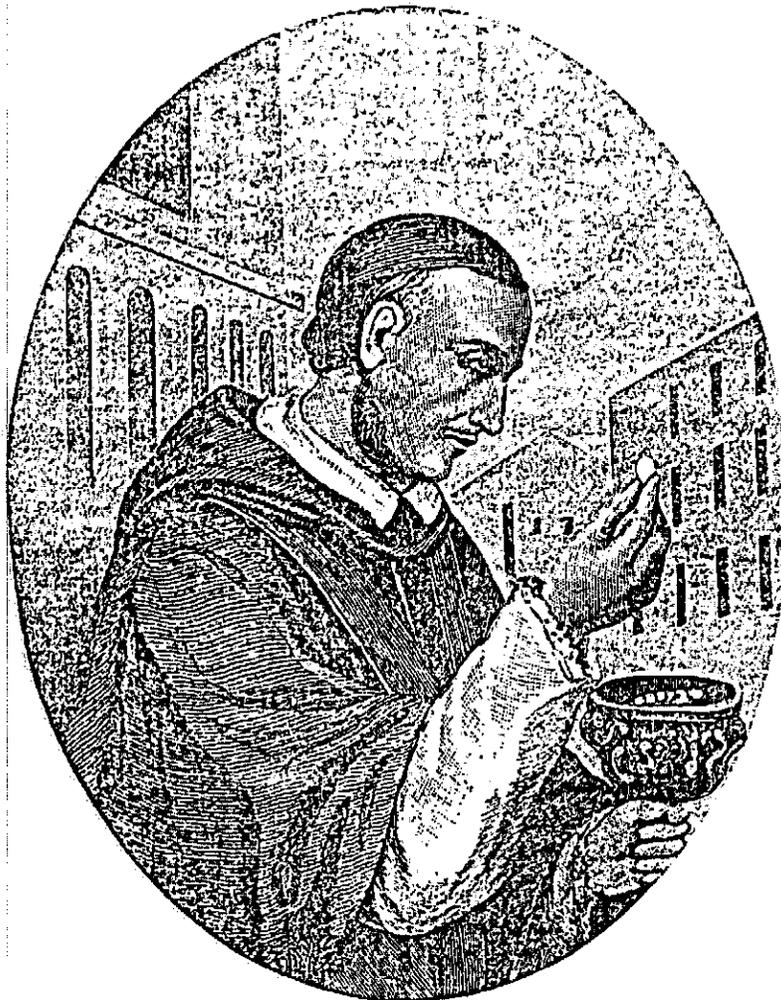


QUANDO A CRISTANDADE MEDIEVAL AMEAÇAVA RUIR, DEUS SUSCITOU UM JOVEM, QUE, TODO ABRASADO NO AMOR DE DEUS, REERGUEU O QUE PARECIA CAIR, E FOI UM DOS ESTEIOS QUE CONSTRUÍRAM O MAGNÍFICO SÉCULO XIII: SÃO FRANCISCO DE ASSIS.

rei da Inglaterra, Henrique VIII, mas, depois ele traiu a Fé porque queria se separar de sua esposa, e o Papa não permitia. Ele então fundou um dos ramos do protestantismo, o anglicanismo. As Ordens e Congregações Religiosas atravessavam um momento difícilíssimo, a tal ponto que um Cardeal disse que seria preciso acabar-se com todas, pois todas estariam necessitando de correções.

Pois bem, nesse terrível momento, a Santa Igreja conseguiu vencer as dificuldades e triunfar. Houve o grande

"NÃO HÁ NO MUNDO COISA MAIS SANTA QUE COOPERAR PARA O BEM DAS ALMAS, POR CUJA SALVAÇÃO JESUS CRISTO DERRAMOU ATÉ A ÚLTIMA GOTA O SEU PRECIOSO SANGUE" (São João Bosco)



SÃO CARLOS BORROMEU FOI UM DOS PALADINOS DA CONTRA REFORMA. ELE FOI UM MODELO DE BISPO, COMO MAÑDAVA O CONCÍLIO DE TRENTO: ZELOSO, CARITATIVO, PIEDOSO. POR OCASIÃO DA PESTE QUE ASSOLOU MILÃO, SUA CARIDADE PARA COM OS DOENTES FOI MONUMENTAL. COM SEU EXEMPLO ELE EDIFICOU SUMAMENTE SEUS DIOCESANOS. TENDO VIVIDO LOGO APÓS O SURGIMENTO DO PROTESTANTISMO, ELE FOI UMA CLARA DEMONSTRAÇÃO QUE, APESAR DOS ATAQUES QUE SOFRERA, A SANTA IGREJA CONTINUAVA A SEMEAR A SANTIDADE PELO MUNDO.

Concílio de Trento; Houve um grande Papa que foi São Pio V; Houve grandes santos como São Carlos Borromeu, Santa Tereza de Ávila, São Filipe Néri, São Camilo de Lelis; Houve também a reforma de Ordens Religiosas e o surgimento de uma nova, que não somente recuperaria muitas almas e povos para o Catolicismo na Europa, como também evangelizaria as novas terras recém descobertas. Falamos da Companhia de Jesus, do grande Santo Inácio de Loyola. Todos esses episódios juntos formaram o que a história chama de Contra-reforma e que não somente deteve o protestantismo nascente, como também, propiciou momentos de glória para a Santa Igreja.

§ § § § § § § § §

Poderíamos aqui citar uma grande gama de fatos para reforçar o que inicialmente dissemos. Acreditamos porém que os dois exemplos mencionados bastam para mostrar que Deus não abandona Sua Igreja. Nos momentos de grande crise Ele intervém e restaura o que parecia perdido. Assim como Ele deu constância aos primitivos cristãos para enfrentarem os algozes romanos e conduziu a Igreja ao triunfo, Ele fará que aqueles que são fiéis hoje mantenham-se constantes na Fé. Assim, também, como Ele fez a Igreja superar a tremenda crise do século XVI, quando surgiu o protestantismo, Ele fará a Igreja superar a atual crise e ter momentos de glória indescritível.

Não temamos pela Igreja. Ela tem a promessa de Seu Divino Fundador de que as portas do inferno não prevalecerão contra Ela. A história está aí para demonstrar que a Mão de Deus A protege e guarda e não permite que as forças do mal saiam vitoriosas sobre Ela. Outros sim temos as promessas de Nossa Senhora em Fátima quando disse que por fim o Seu Imaculado Coração haveria de triunfar. É um alento para todos os que lutam pelo triunfo da Santa Igreja.

Há porém algo que nessas horas de crise devemos temer: a perda de tantas almas que se corrompem e vão para o fogo eterno. Cabe a nós católicos lutar para que isso não aconteça. Devemos rezar sem cessar. Devemos nos sacrificar mortificadamente. Devemos dar bom exemplo. Devemos ser apóstolos que incessantemente procuram ganhar almas para Deus. Devemos, por fim, confiar e apegarmo-nos a Maria Santíssima para que Ela nos dê força de tudo isso realizar.

"O AMOR NÃO SOIS CONHECIDO! O AMOR NÃO SOIS AMADO!"

(São Francisco de Assis, orando a Nossa Senhora)

Santa Zita, modelo de humildade



Santa Zita praticou muitos milagres já em vida. Na ilustração acima, ela transformou a água de uma fonte em vinho, atendendo à solicitação feita por um mendigo que pediu um copo desta última bebida.

APOSTOLADO DO DEVOTAMENTO

Nasceu Santa Zita na pequenina aldeia de Bozanelo, sobre o Monte Sagrati, a três léguas de Lucca, na Itália, em 1218. Sendo seus pais em extremo pobres, aos doze anos deixou o lar empregando-se como criada na casa dos Fatinelli, de Lucca. Ali permaneceu até o fim de sua vida, quase cinquenta anos depois.

Seu espírito de oração era tal que, mesmo durante os labores mais fatigantes, jamais saía da presença de Deus, transformando também o trabalho em verdadeira oração. Costumava dizer que as principais prendas de uma criada cristã são o temor de Deus, a fidelidade no cumprimento dos deveres, a humildade e o amor ao trabalho. "Nenhuma criada pode ser virtuosa — acrescentava — se não é laboriosa".

Dotada de uma inteligência invulgar, de ordinário previa o que lhe cumpria fazer, antecipando-se às ordens que recebia.

Seus padrões, reconhecendo aos poucos suas virtudes, confiaram-lhe o governo econômico da casa. Santa Zita empreendeu este ofício com toda vigilância, exatidão e diligência, considerando a soma que lhe entregavam para as despesas como um depósito de Deus, a quem deveria prestar severas contas.

Bem compenetrada de que a "ociosidade é mãe de muitos vícios", jamais a viram sem algum trabalho nas mãos, mesmo quando já gozava de inteira liberdade na casa dos padrões, devido a sua idade.

A CHAVE DAS VIRTUDES

A devoção à Mãe de Deus era para Zita a chave de todas as virtudes. Ela consagrou sua virgindade, obtendo da Virgem das Virgens a graça de jamais manchar a virtude angélica. Esta não é fácil de ser preservada, mesmo naqueles bons tempos em que, de modo geral, reinava o amor e o temor de Deus. Compreendendo isso, Santa Zita procurou evitar tudo quanto pudesse estimular-lhe a concupiscência.

Assim, jamais olhou ela para o rosto de qualquer homem. Não se aliviava de parte do rude vestuário, nem mesmo nos calores mais ardentes do verão.

Embora de natural meigo e humilde, possuía uma coragem indômita contra os libertinos, chegando a ferir um deles com as unhas, quando este procurou atentar contra seu pudor.

Sua caridade para com os pobres atingiu grau tão

elevado, a ponto de serem operados vários milagres pela serva de Deus, em relação a eles durante a vida, segundo narrações da época.

GLORIFICAÇÃO TERRENA

Na tarde de 27 de abril de 1278, uma estrela brilhante apareceu sobre Lucca. Sua claridade era tal que ultrapassava a do sol. As crianças, sem que nada lhes fosse dito, começaram a bradar pelas ruas e praças da cidade: "Corramos todos à Igreja de São Frigidiano, pois Zita a santa, faleceu".

Com efeito, chegara a hora do Esposo das Virgens premiar aquela virgem fiel. Depois de rápida doença, Santa Zita entregou placidamente sua alma a Deus, aos sessenta anos, confortada pelos Sacramentos da Igreja.

A afluência popular foi tão grande à Igreja onde foi velado o corpo da Serva de Deus, que se tornou impossível ao Clero, durante vários dias, celebrar os Offícios fúnebres. Encerrado, finalmente, o venerável corpo em um túmulo de pedra, começou a correr deste um líquido que não cessou de operar inumeráveis curas.

Bibliografia: (1) "Immortale Dei", 1-11-1885, "Bonne Presse", Paris, vol. II, p. 39.

Outras obras: Abbé Rohrbacher, "Vies des Saints", Gaume Frères, Libraires-Éditeurs, Paris, 1853. Pe. Croiset, S.J., "Ano Cristo", trad. port. do Pe. Mattos Soares, Tip. Porto Médico, Porto.

COLUNA CATÓLICA
Estanislau do Carmo

Santa Zita, patrocinadora das empregadas domésticas.

Em nossos dias de luta de classes, de agitação social, de igualitarismo, de greves, etc. — clima este criado com vistas, em larga medida, a nivelar a sociedade, fazendo com que as últimas fimbrias do reflexo de Deus que nela ainda existem, desapareçam — não será fácil compreender o verdadeiro sentido da vida de Santa Zita, se não nos colocarmos na verdadeira perspectiva.

Com efeito, muitos gostariam de ver nossa santa assumindo atitudes de certas domésticas de nossos dias, as quais enfrentam, de modo contestatório, os padrões, reclamando estrepitosamente direitos, pretensos ou reais.

Com o presente artigo nosso intento consiste em mostrar como, afastando-se da Lei de Deus — que é a única

que pode e deve reger harmoniosamente as relações humanas —, por mais que se elaborem leis positivas na medida em que estas não reflitam a Lei natural ou a divina, não se solucionarão as pendências e conflitos. E os problemas sociais irão se agravando sempre mais.

Santa Zita viveu exatamente numa época em que, segundo Leão XIII, "a filosofia do Evangelho governava os Estados. (...) Organizada assim, a sociedade civil deu frutos superiores a toda expectativa" (1).

Quais foram esses frutos? Entre muitos outros — cuja enumeração seria longa — poder-se-ia lembrar a santidade florescente em todas as camadas da sociedade temporal, desde a categoria real, como São Luís IX de França, até as mais humildes, como a que pertencia Santa Zita.